

MÚSICA

Brasileiro faz sucesso com axé portunhol

RODRIGO BERTOLLOTTO
de Buenos Aires

A axé music em portunhol não parou no verso "yo quiero te namorar, amor", de Carlinhos Brown, e agora está sendo impulsionada desde Buenos Aires.

Os responsáveis são o paulistano Derek López e sua canção "Batida de Coco", primeiro lugar nas paradas argentina, uruguaia e paraguai que já está entre os hits das cidades balneárias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Radicado desde 1992 na Argentina, López, 30, trabalhou como apresentador de programas de música em rádio e TV até que decidiu produzir seu disco de estréia, "Mística", pela MCA argentina.

O portunhol impera em suas letras, como na canção "Esperando el Sol" ("Cerca al mediodía quiero caipirinha pra beber/ Y sentirme cair na gandaia hasta el anochecher") ou em "Cura de Amor" ("En febrero voy a caer en el samba/ Conocer mil gatitas").

"Minhas melodias pedem a fonética do portunhol, por isso eu misturo os dois idiomas. Eu não brigo com a música. Quem quiser entender entendeu", afirma.

Eles já excursionou com seu show pela costa uruguaia e interior da Argentina, está a caminho da costa argentina e também fará sete apresentações no Paraguai.

López ainda trabalha suas versões em português de alguns de seus reggae, sambas e axés em portunhol e castelhano.

Folha - Como pode um paulista na Argentina fazer música baiana?

Derek López - Eu sempre alucinei com a cultura negra, espiritualmente e musicalmente me encontrei nos atabaques e nos cânticos de umbanda. Minhas primeiras músicas eram raps, com letras superviolentas, cheias de "fucking" e "mother fucker".

Mas a música é um estado de espírito, e o rap não expressa o que eu sinto todo o tempo. Às vezes, eu sinto um samba enredo, um soul ou um samba-reggae.

Folha - A alegria de "Batida de Coco" está muito longe de um rap. É só uma típica música de verão?

López - Não sei, mas este ano é o da música brasileira na Argentina. Nos dois últimos anos só deu salsa, mas agora mudou. E "Batida de Coco" é o primeiro produto do Mercosul.

A letra foi feita em Buenos Aires inspirada nas minhas temporadas no Guarujá, em que eu me jogava na areia e tomava uma batida. Depois, eu acrescentei um pouco do espírito baiano. Eu só pude conhecer a Bahia agora, quando gravei o videoclipe da música.

Folha - Suas canções falam de lemanjá, Oxalá, e até há um glossário no encarte para os termos...

López - É para facilitar a compreensão. Eu sou muito ligado à umbanda e tenho minha mãe-de-santo em São Paulo. Na Argentina, não vou a terreiro. Uma vez, um pai-de-santo daqui me convidou, mas eu não fui.

Folha - Como é fazer música feliz no país que cultua a tristeza e a nostalgia do tango?

López - O argentino é muito tanguero. Minha missão é justamente trazer um pouco de alegria. Aqui, a depressão é uma doença. As pessoas ficam quatro, cinco anos deprimidas. Em 25 anos de Brasil, eu nunca vi isso.

Folha - Como explicar então o sucesso de sua música?

López - A Argentina está passando por uma crise espiritual muito grande. O que marca a diferença com o brasileiro é que o argentino em geral não tem fé. Mas a tendência é ele se abraçar mais.

Agora os argentinos estão tirando das costas essa carga de querer se parecer com os europeus e se assumindo como latino-americanos, começando a se sentir felizes.

Folha - Como você veio parar na Argentina?

López - A primeira vez que vim foi em 84. Conheci muitos músicos argentinos, como os Fabulosos Cadillacs e Andrés Calamaro, que depois colocou um rap meu em seu disco. Até 92, eu vinha todo o ano por dois meses. Eu trabalhava de DJ na Lighthouse de São Paulo e larguei tudo para trabalhar em uma rádio argentina.

Folha - Como foi o começo de sua estadia no país?

López - Foi fogo. O pessoal da rádio e os ouvintes eram bravos, percebia-se que alguns se perguntavam: "O que esse brasileiro faz aqui?". Mas eu decidi que, se eles eram heavy metal, eu tinha de ser punk rock.

Em pouco tempo, eu tinha ganho a confiança dos colegas e a simpatia do público. Acabei até introduzindo umas gírias que agora os argentinos usam, como "detonar" e "curtir".



Divulgação

UMA LETRA

"Sentado, aburrido me sentia/ Un gustito en la boca me seguía/ Batida de coco, esa es la mía/ Cambia la onda de este día/ Pedile un batuque a la Negra María/ El ritmo que trae la alegría/ que trae la alegría.../ Por eso yo sólo quiero/ La playa y el mar/ Cantar y bailar/ Buscar una menina pra gozar. Ay Diosito!/ Los pies sin zapatos salgo a caminar/ No necesito mucho para andar/ Voy por aquí, voy por allá/ Siguiendo el sol a la orilla del mar.../ Tu cuerpo dorado del Sol de Bahía/ En un balanceo que me alucina/ Que mueve así, que mueve así/ Belleza latina que Dios dá..."

Letra de "Batida de Coco", de Derek López e Luis Callejárí

Hits do Brasil são traduzidos

de Buenos Aires

Apesar da água fria do mar e do vento forte que provoca nuvens de areia todas as tardes, o argentino se convence de que está no verão escutando música brasileira.

Carrapicho, Gerasamba, Jorge Ben Jor, Timalada, Daniela Mercury, Skank, Paralamas e Lulu Santos dão o fundo musical para as cidades balneárias do país vizinho — a principal é Mar del Plata.

A onda de música brasileira na Argentina tem o apoio do marketing das gravadoras, que também aproveitam para lançar as versões em castelhano para os sucessos produzidos no Brasil.

Um exemplo é a cantora Daniela, que chegou ao hit parade local com a canção amazônica "Vermelho".

Daniela, 28, foi modelo da Calvin Klein e estava até há pouco tempo radicada no México, onde cantava pop romântico. Ela prepara um disco só covers brasileiros. Entre eles, estão as músicas "Garota Nacional" e "Ic Tic Tac". (RB)

O paulistano Derek López, primeiro lugar nas paradas musicais da Argentina, do Uruguai e do Paraguai